

A poética da imagem em Joana Rêgo

Image poetics at Joana Rêgo

LUÍS FILIPE SALGADO PEREIRA RODRIGUES*

Artigo completo submetido a 26 de Janeiro e aprovado a 31 de janeiro 2014.

*Portugal, artista plástico. Licenciatura em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) (1996); Mestrado em Educação Artística pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) (2007).

AFILIAÇÃO: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Centro de Investigação e Arquitectura Urbanismo e Design (CIAUD). E-mail: luisfiliperodrigues@yahoo.es

Resumo: Na análise das pinturas de Joana Rego, não tento fazer uma tradução linear, mas sim experimentar uma experiência fenomenológica. Na poesia, por um lado, omite-se informação superficial, fazendo ligações entre ideias, de tal modo subtis e sintéticas, que nos levam a suspender a memória, a razão e pensamento. O que proporciona uma repercussão subliminar sobre a nossa alma. Uma tal repercussão que significa um contágio de sentidos/sentimentos que nos transformam em poetas em potência.

Palavras chave: imagem / poesia / fenomenologia / alma.

Abstract: *In my approach of Joana Rêgos's painting, I don't want to do a linear translate, but I try a phenomenological experience. On the poetry the superficial information is omitted and we can make connections between ideas in such a subtle and synthetic manner that lead us to suspend memory, reason and thought. It establishes a subliminal effect on our soul. And this effect means a contagion of senses / feelings that make us poets in potency.*

Keywords: image / poetry / phenomenology / soul.

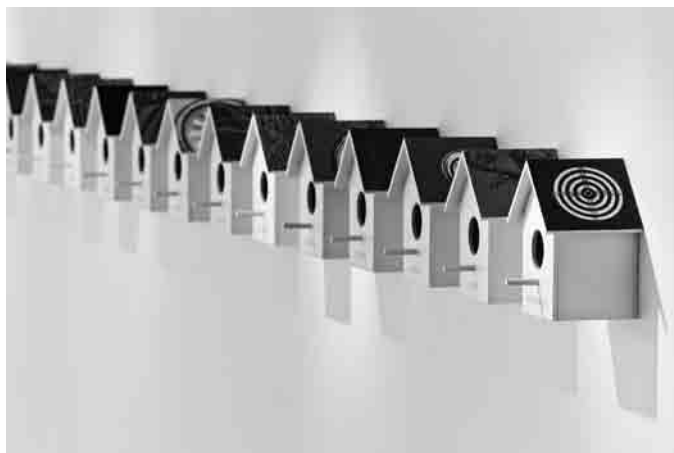


Figura 1 · Joana Rêgo "Poetics of Space" de 2013, acrílico s/ MDF, medidas variáveis.

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria experiência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos e ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser (Bachelard, 2005: 7).

A imagem poética, segundo Bachelard, não está sujeita a um impulso e não é um eco do passado, dado nos lançar para a experiência fenomenológica. Esta perspectiva relaciona-se com a sua ideia de que a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio e tem origem numa ontologia direta do fenómeno único de a perceber sentindo-a. O que quer dizer que a imagem faz emergir da alma sentidos e sentimentos a que damos *a posteriori* sentidos e significados. A imagem não é o efeito de um instinto, mas de uma manifestação natural do Ser Humano no seu limiar mais etéreo, não do seu eu autobiográfico nem do seu memorial histórico. Diria que a imagem poética é uma verdade incorpórea cuja vida é intemporal, porque pertencente só a este momento. Ela só nos seduz se a despirmos da razão e da lógica. Portanto, não “penso, logo existo”, não “sinto, logo existo”, mas sim, experimento a alma, logo existo — experimento a essência da alma, sinto a liberdade do ser, logo existo.

A poética da imagem não coincide necessariamente com uma perspectiva surrealista, embora possa ser onírica. A imagem está carregada de sentidos que alimentam a potencialidade de interpretações e, por consequência, uma

flutuação de ideias sugestivas, ao contrário da canalização biunívoca de informações literais e universais, ou unívoca como acontece no caso extremo da leitura dos sinais de trânsito.

A poética não veicula conteúdos (afetuosos), desperta-os, porque eles estão em nós, latentes e com energia para reconciliarem o inconsciente oprimido e oculto com a consciência racional e manifesta. Com isto não afirmo que o poeta, da palavra ou da imagem, nos transmita o seu passado ou desperte o nosso passado, através das imagens (no sentido lato); quero dizer que o poeta faz excitar a nossa vontade de viver, contagiando-nos a vida através do desenvolvimento das suas raízes. O que passa, não pela restauração e aferição de memórias concretas mas, por atualização de indícios memórias através da sua harmonização afetiva. Ou seja, mais do que, mas também, intersubjetividade, há, a referida por Bachelard (2005), transubjetividade. É a ativação da alma e, esta, a ativação do amor.

A imagem pode criar uma poética ao seu redor, permitindo-nos entrar num contexto subliminar e contagiante, ao nível de afetos, ideias e conceitos latentes ou suas relações divergentes ou convergentes. Mas, verbalizar uma sua interpretação pode ser aleatório, arbitrário, dado ser muito circunstancial e eventualmente muito distante do que sentia e pensava latentemente o autor. Verbalizar essa envolvimento poética onde somos capturados significa mais, dentro das amarras da inevitável razão a que nos obrigam as palavras, transmitir a energia que a linguagem veicula por entre uma relação sistémica de sentidos latentes e profundos.

Focando-nos na obra de Joana Rêgo, deparamo-nos com imagens às quais ela associa palavras ou frases, cuja ligação não é literal mas sim simbólica. Esta ambiguidade torna-se, não inquietante mas sim, estimulante. Pois somos induzidos, primeiro a criar um vazio, desconstruindo pensamentos estabelecidos, e depois a procurar afetos entre a imagem e o discurso verbal, de que resultam significados implícitos, ou seja, sentidos que interiorizamos e consciencializamos no fenómeno de receção destas obras. Com os afetos somos conduzidos a sentidos mais profundos do que a superficialidade da literalidade. O que não impede que por vezes cheguemos aos mesmos resultados significativos, que uns ou outros atribuem às imagens; mas isso não é o importante; o importante é o caminho de movimentação interna que cada um faz perante o trajeto oscilante entre a imagem e a(s) palavra(s), pois é aí que nos despimos dos preconceitos e ideias predefinidas (Figura 1, Figura 2).

A associação das palavras às imagens é um ato poético, e não é uma legenda, pois Joana Rêgo torna imprevisível a palavra, e com esta

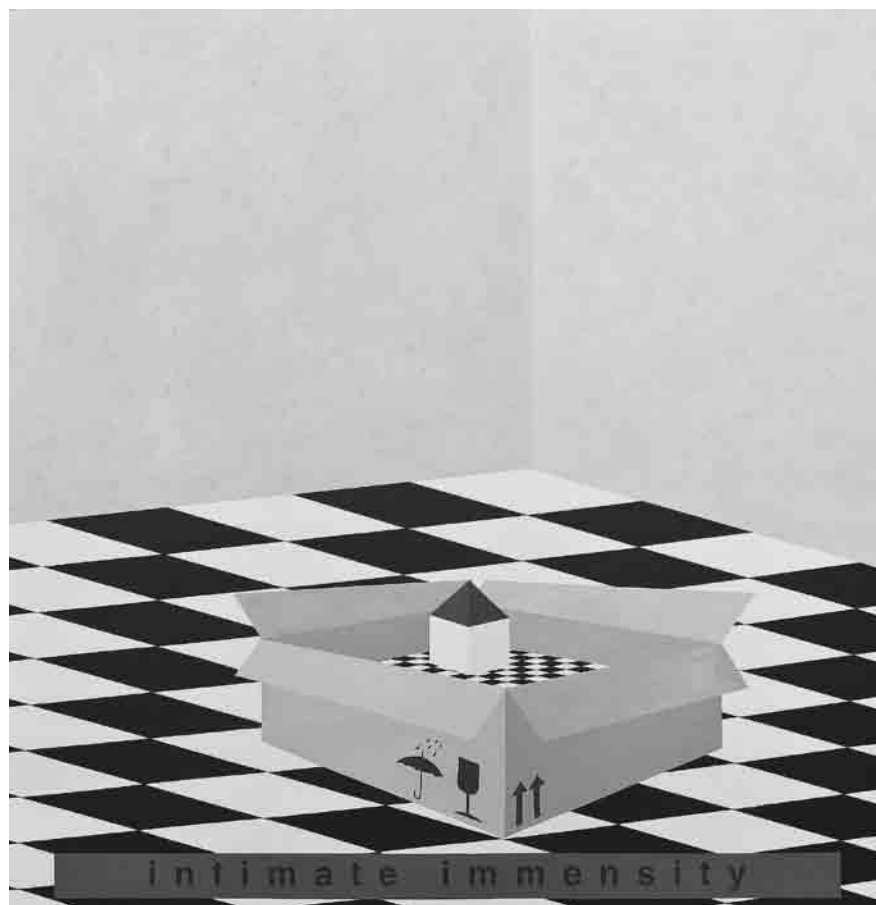


Figura 2 · Joana Rêgo "Intimate Immensity",
2011/ 2012, acrílico s/ tela 160 x 160 cm

imprevisibilidade permite(-nos), evocando Bachelard, a “aprendizagem da liberdade.” Não o faz de um modo humorístico como Marcel Duchamp, fá-lo de modo subtil e seduzido pelos afetos de associação das coisas, mesmo que tudo isso se estruture em projetos ricos em intelectualidade, ao contrário da, aparente, arbitrariedade do expressionismo abstrato, por exemplo, de Jackson Pollock.

Seria frio e cru estipular relações entre imagens e palavras, se, mesmo sendo metafóricas, esses dois elementos, o visual e o verbal, não tivessem uma estética inerente. E a estética não significa coisas; aprecia-se. Tanto a imagem como a palavra são portadoras de uma estética potencial que se atualiza no fenómeno relacional entre elas. Isto é, a estética revela-se. Digo estética, e não beleza, pois, muito embora as imagens sejam belas, a inter-relação, de que somos espectadores e fonte, ultrapassa a harmonia formal para se transformar numa estética sublime e afetiva, numa estética de fenómeno — num sentido em que a imagem “atinge as profundezas antes de emocionar a superfície” (Bachelard: 7); em que as profundezas são a harmonia do inconsciente na relação com o consciente, e a superfície a matéria que exerce uma alteração do nosso organismo por via da percepção dos sentidos.

A poesia exige que nos dirijamos ao subconsciente, que percamos a estabilidade e o conforto da racionalidade. A poesia estimula o movimento das memórias mais recônditas e as ideias mais consensuais. Isso acontece sem sabermos, mas sentindo, por vezes fugazmente, uma instabilidade, que agradecemos e que nos torna mais felizes, porque mais despertos. O que nos conduz para a perspectiva da Fenomenologia da Imaginação, que, segundo Bachelard (2005: 2), seria “um estudo do fenómeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade.” Nesta ótica, quando se fala em memórias, não me refiro a conteúdos concretos, mas a energias anímicas, as do coração, as do amor. Este sentimento não é algo do passado que se recorde, é algo do presente; pelo que a imagem poética que o desperte não é um eco do passado, mas sim um indício do presente. O presente passou a passado neste preciso momento. Entende-se, portanto, que a imagem poética seja, segundo Bachelard (2005), o produto mais fugaz da consciência. Fugaz mas que acorda a intemporalidade do amor-à-vida (Figura 3).

Por vezes, a palavra ou pequena frase, que Joana Rêgo aplica como âncora para as imagens (que flutuam livremente, talvez demasiado livremente, daí que recorra ao discurso verbal), conduz-nos para uma reflexão, para um alerta, para uma abertura ao entendimento das coisas. Uma reflexão emocionada, sem conteúdo e intuitiva. Induz-nos à intuição tácita de coisas como: o tempo,

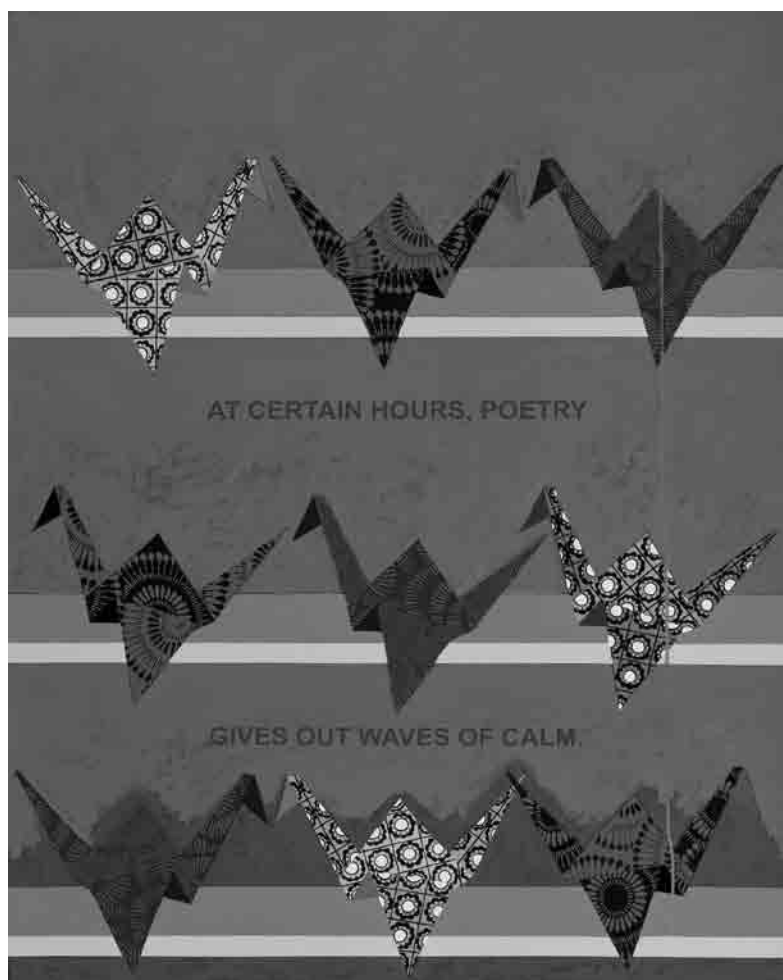


Figura 3 · Joana Rêgo "Poetry"
100 x 80 cm acrílico s/tela 2013.



Figura 4 · Joana Rêgo "Roundness"
100 x 80 cm acrílico s/tela 2013.



Figura 5 · Joana Rêgo "Impermanence"
100 x 80 cm acrílico s/tela 2013

o eu, o sentimento. A imagem, como as palavras, nesta poética, não são objetos nem substitutos dos objetos; são o que proporcionam a saída para a conscientização dos afetos que temos em relação a objetos internos. Trata-se de uma experiência que as crianças têm naturalmente e que nós procuramos insaciavelmente, pois a atração pela transparência dos afetos que fluem quase incondicionalmente na criança é uma fonte da poética das imagens. Pela mesma razão, Bachelard (2005: 4) diz que a expressão da imagem é uma linguagem de criança, que não necessita de "saber."

O último projeto que Joana Rêgo apresentou intitulou-se "A poética do espaço", pois esta obra de Gaston Bachelard foi determinante para encontrar e desenvolver este caminho, como alega a autora. Talvez este caminho pela poesia, usando um diálogo entre a imagem e a palavra, tenha sido a necessidade de um compromisso da sua alma, em que nos poemas se manifestam forças que não passam pelos circuitos do "saber" (Bachelard, 2005). Não que queira guardar para si a experiência, mas que talvez nos/lhe queira proporcionar a experiência em que "o poema nos toma por inteiro" (Bachelard, 2005: 7), transportando, altruisticamente, o observador para "a origem do ser falante" (idem, ibidem).

O perverso de tudo isto é o nosso impulso natural para decifrar as palavras dos outros, as imagens dos outros, os discursos dos outros, adulterando

a poética suspensão da razão no momento de experimentar as emoções. Se quiséssemos comunicar pelos interstícios das palavras, convocaríamos a nossa alma para criar imagens poéticas, porque encontraríamos o caminho mais curto de relação entre as coisas, nivelando as razões das coisas. Todavia, a nossa necessidade de comunicar para sermos compreendidos manifestamente, como que querendo a reversibilidade do nosso discurso para sentirmos que somos acolhidos pelo entendimento do Outro, caímos no impulso da palavra racional. O ideal seria, nesta minha abordagem, apresentar as minhas obras de arte como resposta às de Joana Rêgo. E aí, mais do que uma leitura ou interpretação, seguiria um caminho de comunhão com poética da imagem, com um outro estilo, com outras intenções, mas com um fim originário da expressão da alma. Também não farei a pausa que John Cage fez, mas calar-me-ei perante estas duas pinturas, tentando que cada espectador as veja, como eu o fiz, em silêncio (Figura 4, Figura 5).

Referências

Bachelard, G. (2005). *A Poética do espaço*.
São Paulo: Martins Fontes Editora.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da
Percepção*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes